

## Análise e previsões da economia I Brasil

Neste comentário, faremos uma análise das expectativas econômicas, tanto do Brasil quanto do mundo, em face da economia mundial estar adentrando na curva ascendente do ciclo econômico positivo.

Como os colegas economistas e os técnicos sabem, em economia mensuramos as diferentes fases econômicas, em ciclos positivos e negativos. Estes ciclos se renovam em períodos de mais ou menos 7 anos, se fatores conjunturais não os alterarem. Atualmente, tanto a economia de nosso país, quanto a do próprio mundo desenvolvido, começam a experimentar o inicio de um período progressista. Portanto, a previsão é de que os países mais ricos, em número de 20, passem a aumentar expressivamente seu Produto Interno Bruto, que venha a ultrapassar, neste próximo quinquênio, a expressiva casa dos 4 a 5%, devido à posição favorável em que se encontra a economia mundial.

Dante do exposto, os países em desenvolvimento, precisando ampliar o seu volume de intercâmbio com os países devedores do 3º mundo, aplicarão fórmulas que venham a dilatar os prazos de pagamento das dívididas vencidas e a vencer, com substancial redução dos juros e das taxas complementares, e ainda passarão a oferecer-lhes maiores empréstimos, a juros e condições especiais.

Consequentemente, o nosso País será um dos primeiros a beneficiar-se com estas vantagens, sobretudo na redução dos juros e no aumento do intercâmbio com os países credores.

A grande queda no preço do petróleo contribuiu vitalmente para a estabilização da economia mundial, e proporcionou-lhe condições para um novo arranque, que contribuiu decisivamente para a formação de sobre de moedas fortes nos países industrializados. E, em decorrência disso, o juro dos empréstimos continuaria baixando, dentro da proporção do real crescimento da economia mundial.

Evidentemente, vislumbram-se dias mais tranquilos para os países devedores, durante os próximos 5 anos. Portanto, diante do expressivo crescimento que se prevê na economia mundial, as oportunidades econômicas abrir-se-ão e o intercâmbio comercial tomará corpo e, aos poucos, o seu reflexo beneficiará a todos.

Em nosso País, temos um duplo

motivo para começarmos a confiar no inicio de uma explosão econômica. Em primeiro lugar, pela influência positiva da curva ascendente do ciclo econômico, que se manifestou expressivamente em 85, e que deverá prosseguir numa intensidade crescente e progressiva, durante os próximos 5 anos; e, em segundo lugar, pelas medidas oportunas que foram tomadas pelo presidente Sarney, com a implantação do Plano de Estabilização Econômica, que extinguiu a correção monetária, congelou por um ano os preços das utilidades, acabou com a inflação galopante e criou o cruzado.

Portanto, diante da magnitude deste heróico plano, — se ele der certo como esperamos —, a inflação daqui por diante não ultrapassará 1% ao mês, sendo ele bem executado, com o integral apoio também das empresas estatais de economia mista, e sobretudo com um rigoroso corte nas despesas supérfluas do Governo, e ainda com a criteriosa adaptação, dos investimentos públicos, à real previsão da receita deflacionada.

Uma vez concretizada a previsão que anunciamos, poderemos esperar por uma explosão econômica durante os próximos 5 anos, com renovação e ampliação do parque industrial, porque haverá dinheiro barato para investir, com possibilidades de formação de um produto interno bruto, que oscilará entre 8 a 10% ao ano. Assim ocorrendo, e se agirmos com confiança e credibilidade no novo plano econômico, poderemos recolocar todos os desempregados e ainda abrir vagas para os milhões de braços novos que anualmente acorrem em busca de trabalho. Não esqueçamos, entretanto, que precisamos que surja um melhor entendimento entre trabalhadores e Governo, para evitar-se a sequência de greves que vêm se sucedendo e que são programadas não apenas com objetivos salariais, mas também eleitoreiros. A sua continuação nesta proporção contribuiria negativamente e desestabilizaria o plano econômico do Governo, porque desapareceria a necessária tranquilidade entre o trabalho e o capital, e dificultaria ainda mais a formação de renda de que o País e os próprios trabalhadores tanto precisam.